

## **Um olhar sobre os evangélicos armênios da capital paulista**

Sueli Aparecida Cardozo Carvalhaes<sup>1</sup>

### **RESUMO**

O presente artigo relata um resumo do trabalho “Estação Armênia: Exílio, Fé e Reconstrução de vida na Capital Paulista – Um estudo de caso – a Comunidade Protestante”. Por se tratar de um estudo de caso, apresenta um forte conteúdo descritivo, o qual leva o leitor a conhecer a trajetória da religiosidade cristã, rica em detalhes e de muito sofrimento da nação armênia. Pretendemos também dar a conhecer a manifestação da etnicidade através da história e do comportamento desse grupo específico de evangélicos armênios, além de revelar fatos e influências que compõem a igreja evangélica armênia da capital paulista.

**Palavras-chave:** Armênia. Evangélicos.

### **ABSTRACT**

This article presents a summary of the work “Armenia Station: Exile, Faith and Reconstruction of life in São Paulo’s Capital – A case study – The Protestant Community”. Since it is a case study there is a strong descriptive content that takes the reader to know the history of Christian religion, rich in details and much suffering from Armenian nation. We also intend to introduce the manifestation of ethnicity through the history and role of these Armenian Evangelicals and reveal the events and influences that compose the Armenian Evangelical Church of São Paulo.

**Keywords:** Armenia. Evangelical.

---

<sup>1</sup> Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Presbiteriana Mackenzie.

## Origens armênias

As transformações políticas e econômicas ocorridas desde o início da formação do Estado armênio somadas à sua posição geográfica, entre o Oriente e o Ocidente, a qual favoreceu uma enorme exposição a valores e culturas diferentes, foram pontos fundamentais para levar seus habitantes a tomadas de decisões que os diferenciaram posteriormente.

Os armênios do passado viviam em meio a heróis míticos, submetidos a diversas influências dos países fronteiriços, que em diferentes épocas mudaram suas políticas de tolerância. Essas oscilações desencadearam instabilidades sociais e econômicas, levando seus ancestrais a uma atitude inusitada, a de impor o cristianismo como alternativa a todas as perdas sofridas dentro da sua composição histórica.

O ano era 301 d.C. A decisão de tornar o país cristão afasta o paganismo romano vigente e transfere para a igreja armênia muito poder. Keroizian (1970, p. 38) diz que “do ponto de vista político os armênios tendem a libertar-se do jugo dos soberanos estreitando suas relações como o Ocidente”. Os costumes, religiões e idiomas passam a caminhar ao lado do cristianismo, o qual foi incorporado ao universo religioso dos armênios. No entanto, posteriormente isso os levou a um isolacionismo, visto que seus vizinhos eram de origem muçulmana.

Embora a oficialização do cristianismo seja anterior ao ano em que Constantino declarou o Império Romano cristão, pouco se fala dos armênios cristãos. A historicidade se encarrega de reproduzir, na atitude de Constantino, a ênfase do início da narrativa massiva de uma propagação cristã. É fato que neste momento o alcance do exército romano em termos territoriais é muito maior do que a pequena Armênia e conseqüentemente a visibilidade histórica também maior.

A história do cristianismo armênio está ligada à composição mítica desde o início dessa nação, a qual uniu a narrativa bíblica da história de Noé a uma genealogia do mito fundador armênio Haik, que seria o seu tetraneto. Este fato transfere ao povo a ideia de berço da civilização bem como a de uma colônia genuinamente bíblica, cuja testificação vem com o fato de o Monte Ararat situar-se em seu território. Eliade (2004, p. 38) exemplifica “que os mitos de origem, são ligados ao mito cosmogônico e que o começo absoluto de ambos é a criação do mundo”.

Posteriormente os armênios vão acrescentar ao seu referencial bíblico os apóstolos Bartolomeu e Tadeu como os primeiros iluminadores da Armênia, implantando o cristianismo em sua região montanhosa. Esse universo religioso também vai ser acrescido de um alfabeto específico e, mais adiante, será implantada a tradução da Bíblia nesta língua, o que contribui para o crescimento da cultura nas escolas e com a própria divulgação deste alfabeto.

É importante citarmos que esse espaço físico onde as pessoas se relacionavam, chamado Armênia, era composto por várias colônias agrupadas pela consanguinidade tanto na parte oriental da Anatólia como na parte ocidental ao planalto do Ararat. Algumas dessas colônias tiveram um maior desenvolvimento em relação à Armênia tradicional, tendo em vista que o Império Otomano exercia uma política repressora muito grande das atividades socioeconômicas onde sua expressão de controle era mais próxima fisicamente.

O fato é que a adoção do cristianismo marcou os primórdios da Armênia, tal como a conhecemos. Um novo ânimo foi adicionado à vida do povo na medida em que foram agregados novos impulsos culturais, transformando a vida religiosa de todas as colônias. No entanto, logo essa convergência seria rompida pelas incursões e políticas otomana.

Uma parte da Armênia foi dominada e ficou sob a tutela da ex-União Soviética, cujo governo tolerava muitas formas de expressão cultural armênia em seu território, como a preservação de monumentos históricos, língua, etc.. Com a dissolução da União Soviética em 1991, foi declarada sua independência.

As demais colônias permaneceram sob domínio turco com grandes transformações nos relacionamentos intrapessoais. Os armênios insatisfeitos dessa região pleiteavam a independência do jugo turco e gozaram de um curto período de alguma autonomia, quando puderam criar partidos e reivindicar direitos de cidadãos comuns. Mas, posteriormente, entre 1894 e 1896, foram massacrados e deportados aproximadamente 300 mil, pelo Sultão Vermelho.

Esta divisão, e o fato de haver colônias espalhadas em outros países, vai tornar o universo armênio mais complexo e, a partir deste momento, seus integrantes não se encontrarão num mundo unido e homogêneo.

Em 1912, o Partido Nacionalista começa uma ofensiva para tornar o território exclusivamente turco, com o planejamento da eliminação dos armênios e outros grupos

minoritários. Como parte dessa política, tem início uma limpeza étnica do território com o extermínio destas minorias, inaugurando então um dos capítulos mais sangrentos e sombrios da humanidade.

Rumo à limpeza étnica e à expansão territorial, os turcos começam o massacre, primeiramente com o desarmamento dos homens sob o pretexto da paz no império. Posteriormente, recorrem à censura e a prisões de intelectuais, jornalistas, médicos, professores e políticos (SAPSEZIAN, 2010, p. 158).

Além de casas, pertences particulares dos armênios foram destruídos assim como manuscritos e igrejas históricas. Destas, a Catedral de Echmiatsin, considerada a primeira igreja cristã do mundo, construída entre 301 e 304 d.C., permanece até os dias de hoje e, como um marco da resistência contra as perdas humanas e culturais, está em pé.

Os armênios percorreram grandes distâncias, caminhando pelo deserto onde morreram por cansaço, fome, sede ou por condenação à morte (FREITAS, 2001, p. 85). Apesar das tentativas de resistência, o povo armênio foi exterminado de forma contínua. No entanto, tendo ou não evidências, nunca houve o reconhecimento do genocídio por parte da Turquia até hoje. Essa, pelo contrário, nega uma verdade histórica e patrocina trabalhos intelectuais com a intenção de justificar os acontecimentos com um discurso de que há exageros numéricos pelos armênios e que essas perdas foram consequência dos confrontos da guerra.

Até 1944, não existia o termo genocídio, que foi cunhado por Raphael Lemkin (1900-1959) para descrever o assassinato sistemático dos nazistas. Em 1948, a Organização das Nações Unidas (ONU) aprovou o termo como crime de caráter internacional.

No mundo todo, o dia 24 de abril é lembrado como o Dia do Genocídio Armênio, em alusão ao dia em que 250 intelectuais foram assassinados pela Turquia. Em São Paulo, nesta data, a comunidade armênia se despe de suas diferenças religiosas. Os líderes de cada igreja relembram o trágico contexto armênio em seus próprios ritos e posteriormente se unem diante do monumento que relembra esta tragédia, erguido na Avenida Tiradentes, próximo à Estação Armênia do Metrô (Linha Azul).

Este acontecimento trágico acompanha os armênios em toda a diáspora mundo afora e, diante da negação turca, tornou-se a principal reivindicação do que hoje se denominou “causa armênia”.

2015 marcou o centenário desse genocídio. Ano em que as lembranças dos mais de cinco milhões de armênios espalhados pelo mundo se uniram e intensificaram a luta pelo seu reconhecimento.

A França desempenha um papel importante no cenário mundial, reconhecendo e pedindo o reconhecimento do genocídio como forma de reparar este brutal acontecimento restabelecendo a dignidade do conceito de direitos humanos. Mais de vinte países, juntamente com a ONU, reconheceram o genocídio armênio, porém o Brasil não está nesta lista.

### **Origens religiosas**

O cristianismo armênio não se propagou uniformemente porque vimos que haviam recortes geográficos e algumas colônias, mais que outras, agregavam as narrativas heróicas dos apóstolos Tadeu e Bartolomeu e, por consequência, a doutrina cristã demorou para atingir todas as colônias espalhadas. Anos mais tarde, surge o lendário Gregório que, segundo a história armênia, teria ficado preso por mais de dez anos numa cela subterrânea dentro da igreja de Khor Virap, aos pés do Monte Ararat, cuja visita ao local ainda pode ser feita, visto que este mosteiro foi esculpido na rocha e permanece resistindo à ação do tempo.

Voltando a Gregório, sua prisão ocorreu por tentar convencer aos armênios, seus compatriotas, a aderirem a essa nova religiosidade, a qual havia sido, naquele momento, mal recebida pelo rei. A consequência disto foi sua prisão. A liberdade foi concedida a ele anos mais tarde por curar este mesmo rei de um mal que o acometeu nesse período. Liberto e então sob a tutela e gratidão do rei Tiridates III, Gregório se torna o grande divulgador da fé cristã pela corte e pelo país afora.

Ele se aliou com colaboradores e partiu para a divulgação massiva do cristianismo, implantando mosteiros e templos (SAPSEZIAN, 1997, p. 24 e 25), desenvolvendo também liturgias, cânones, homilias e ritos (ORMANIAN, 2003, p. 57). Sapsezian (1997, p. 25) nota que o Edito de Milão datado de 313, autorizando a prática da fé cristã no Império Romano, ocorre mais de dez anos após a Armênia implantar, em caráter oficial, a liberdade para cultivar o cristianismo em seu território.

A notabilidade de Gregório e seu empenho na evangelização do povo levou-o a ser conhecido como o Iluminador e considerado o primeiro papa da Igreja Apostólica Armênia.

### **Rupturas e continuidades no movimento religioso**

No resumo histórico, pudemos entender que a conversão da Armênia ao cristianismo foi um passo crucial, trazendo a mais profunda mudança deste país em sua visão de si mesmo. Desde o início, a igreja ajudou a criar uma identidade separada. A Igreja Apostólica teve a função de fortalecer o vínculo da comunidade tanto dentro como fora das colônias e de dar proteção e unir os armênios em torno da sua própria história. A igreja ajudou a criar a identidade, o desenvolvimento político e o nacionalismo religioso.

É evidente que esse ativismo impõe a presença da igreja cotidianamente na vida da comunidade, fortalecendo-a de tal forma que se torna a igreja oficial. A Igreja Apostólica Armênia, porém, não conviveu isoladamente ao longo da história. Grupos como os paulicianos, tondraquianos, entre outros, se fizeram presentes, impactando os armênios em oposição à igreja oficial (SAPSEZIAN, 1997, p. 55). Tais movimentos foram hostilizados e perseguidos sistematicamente até serem vencidos e dispersados país afora (Ibidem, p. 64).

Posteriormente, no século XVIII, o movimento mekhitarista, centrado na pessoa de Cristo, desperta na comunidade armênia como forma de renovação cultural e religiosa (Ibidem, 1997, p. 111). Era um grupo de cunho católico, pois, desde 1356, já se encontravam, através da Cilícia, católicos armênios nas colônias. A história, porém, estabelece o ano de 1742 como o marco da Igreja Católica em solo armênio quando se dá a ordenação de um Patriarca católico. Com o crescimento do número de católicos na comunidade, os atritos com a igreja apostólica também surgiram (Ibidem, 1997, p. 133).

As igrejas cristãs orientais, depois de estabelecidas, trouxeram grandes controvérsias no período anterior ao estabelecimento dos concílios. Nesses períodos de reflexão, as correntes teológicas caminham unidas até que ocorre o rompimento do Oriente e Ocidente, gerando o cenário existente até hoje.

Os debates teológicos denominados concílios vão se alongar com controvérsias levantadas sobre todo os tipos de assuntos pinçados dos textos bíblicos, mas, com

recorrência, envolvem polêmicas e especulações sobre a pessoa e a fé em Jesus Cristo (Ibidem, 1997, p. 47 e 48).

Em 451 d.C., chegava-se ao quarto encontro com a ausência dos representantes armênios envolvidos na época numa batalha contra os persas. O documento resultante deste concílio não foi aceito por eles, o que rompeu a sua participação nos encontros a partir de então. Para Sapsezian (1997), o isolamento da igreja armênia promoveu, no seio dessa, um caráter nacional maior, fazendo com que ela se conscientizasse de que, frente às pressões externas de cunho espiritual, só através de sua própria atuação estas poderiam ser combatidas e que não poderia contar com outros recursos, uma vez que estava isolada dos outros segmentos cristãos.

Sapsezian (1997, p. 52 e 53) acrescenta ainda que ficaram alguns defensores da corrente pró-calcedoniana no meio religioso armênio que pretendiam a reconciliação das duas partes, mas que não lograram êxito.

Junto com os armênios, retiram-se os coptas, sírios, armênios e abissínios. As igrejas latinas e gregas permanecem e por isso são chamadas de calcedonianas enquanto que as Igrejas Copta, Síria, Armênia são denominadas de não-calcedonianas.

Anos mais tarde (555 d.C.), há uma nova separação entre as igrejas não-calcedonianas e os armênios também se isolam definitivamente deste grupo monofisita.

Com a chegada do sétimo concílio, as igrejas de Roma e Constantinopla, sem consenso, se separam. A Igreja Católica está no 21º concílio enquanto a Igreja Oriental (também chamada de Ortodoxa) não mais realizou concílios.

## **Igreja protestante**

Vários movimentos bateram na porta da igreja apostólica e levaram consigo anseios populares doutrinários mais modernos para a época. A colônia desejava uma igreja mais piedosa, mais democrática e mais sensível às aspirações populares (SAPSEZIAN, 1997, p. 140). Inicia-se um movimento dentro da própria igreja apostólica, chamado de União Pia, a fim de estudar as escrituras e voltar às antigas origens de oração e espiritualidade bíblica (Ibidem, p. 141).

Missionários americanos aportam em Esmirna em 1820, propagando o protestantismo. Em seguida, o pastor Goodell chega em solo armênio com o intuito evangelístico de judeus e muçulmanos (Ibidem, p. 143).

O relacionamento com a igreja era cordial e puderam trabalhar a Bíblia numa versão armeno-turca. Fundaram escolas com princípios pedagógicos modernos, juntaram-se à União Pia para estudos bíblicos e, com isso, a população desfrutava dos benefícios que o movimento renovador de missões lhes trouxera. Vinte anos após a chegada das missões, começa uma perseguição implacável contra os missionários por parte da igreja oficial.

Em 1840, quarenta pessoas se organizam e fundam uma Igreja Evangélica Armênia como instituição oficial que, em 1850, recebeu os estatutos com direitos na sociedade civil e com liberdade de ação.

A reforma armênia começava também a se estabelecer em outras cidades (Cilícia, Anatólia, Síria, Líbano, etc.) fortalecendo-se, consolidando seu crescimento e expandindo organizações regionais de atuação. Escolas, associações e seminários foram abertos. Isso levou a junta das missões a tentar subordinar as igrejas armênias ao seu tutorado, porém tal tentativa foi rejeitada e mantiveram-se autônomas, focadas em causas particularizadas do povo armênio (Ibidem, p. 149-157).

Os movimentos que cresceram na sociedade armênia associados à abertura de instituições, ao trabalho missionário protestante e à influência da cultura européia sobre muitos jovens renovaram o caráter cristão e marcam o evangelicalismo armênio quando, em 1847, são reconhecidos oficialmente pelo Império Otomano e lhes é concedida a liberdade de culto.

Esses pequenos grupos espirituais vão se organizando e, antes da Primeira Guerra Mundial, já possuem vários sindicatos legalizados com a intenção de unificar as igrejas evangélicas. Durante o genocídio, estes sindicatos foram extintos e alguns sobreviventes reconstruíram, em terras síria e libanesa, dois novos sindicatos, enfatizando a educação cristã na vida da família e filhos. Mas seu principal legado foi a inclusão de leigos na vida e missão da igreja.

Na esfera atual, os evangélicos armênios estão espalhados, vivendo sua fé em países longínquos em consequência da diáspora, e os que ficaram encaram o desafio de praticar suas crenças cristãs em meio a um mundo totalmente muçulmano e a buscar espaço em sua própria sociedade, lutando com as tradições e rituais das igrejas apostólica e católica armênias.

## **Diásporas**

Diante da ofensiva sistemática de expulsão e massacres impetrada pelos turcos, a paisagem geográfica de ocupação das terras armênias é modificada. Num primeiro momento, os armênios tendem a se deslocar para os países mais próximos de suas terras e rumam para Síria, Líbano, Chipre, Grécia, Egito, etc. Outros se deslocam para a França e Estados Unidos e, por último, para a América do Sul.

Desde os primeiros movimentos diaspóricos, os armênios se organizam, se solidarizam uns com os outros na busca por tornar o novo lugar um local onde pudessem diminuir o trauma que os atingira.

As instituições armênias bem como todos os segmentos das igrejas armênias cristãs auxiliaram, dentro do possível, a todos estes imigrantes. É notório que, em lugares mais distantes, os mecanismos de ajuda não eram eficientes, mas, de modo geral, em todos os grupos não foi perdido o referencial nacional, mesmo porque a bagagem histórico-cultural é intrínseca a cada uma das pessoas, que, nesses novos ambientes, reproduzem e reconstróem os seus significados (CASTELLS, 2000, p. 20).

No mundo todo, os armênios da diáspora contam com as igrejas, escolas, partidos políticos e fundações humanitárias que ajudam a comunidade na manutenção da “armenidade”.

No caso das igrejas evangélicas, essas são marcadamente influentes no Líbano, França, Estados Unidos e Rússia. Nesses países, a formação educacional é a grande marca de instituição. Seja ajudando socialmente com programas culturais e educacionais, seja fortalecendo a língua, o fato é que tais igrejas tornaram-se o centro de agregação cuja manutenção dos ideais armênios permanecem até hoje (SAPSEZIAN, 2010, p. 277 e 278).

A chegada dos armênios na América do Sul é mais tímida. A distância foi um fator que influenciou sua vinda e consta que a Argentina é o local de maior concentração com números aproximados de 130 mil pessoas, seguida do Brasil e Uruguai.

No Brasil, as correntes migratórias chegaram condicionadas pelas políticas de colonização do país, que dirigia a ocupação em locais onde a terra parecia mais vulnerável. Essa ocupação vai transformar a colônia num mosaico geográfico que incorpora diferentes agriculturas e sociedades em regiões específicas, com aproximadamente duzentos grupos diferentes (BORGES PEREIRA, 2000, p. 6).

Alguns se adequaram bem na zona rural, onde colônias mais isoladas foram favorecidas na manutenção de sua identidade étnica. Esta política de aquecimento colonizatório termina com a Segunda Guerra Mundial, quando o Brasil muda sua política de imigração e restringe a entrada de estrangeiros, passando a monitorar as colônias exclusivamente étnicas por visualizá-las como elementos desagregadores da segurança do país. Este fato fez com que algumas colônias se deslocassem em busca de novas áreas, acelerando o processo de urbanização (Ibidem, p. 16).

A igreja Evangélica Armênia não tem ação evangelizadora diferentemente da igreja luterana, que tinha por objetivo a expansão da sua fé pertencendo ao segmento do protestantismo de imigração.

No Brasil, chegam outras correntes evangélicas migratórias como batistas, presbiterianos, metodistas, etc., classificados como protestantismo de missões. Seu objetivo era divulgar o evangelho e implantar suas igrejas, sendo parcialmente acolhidos pela sociedade brasileira.

Mendonça (1995, p. 16) diz que a inserção do protestantismo se desenvolveu porque este chegou num momento histórico-social propício, e que a aceitação ocorreu nas camadas “livre e pobre” da população rural e teve um facilitador que foi seguir a trilha de expansão do café.

O discurso protestante missionário era diferente do discurso que o leigo ouvia até então. Trouxeram junto com seus ritos, usos e costumes a noção de obediência, pureza moral, submissão às leis, a defesa do casamento civil e higiene pessoal. Investiram em colégios, educação, articularam-se com outros segmentos e organizações para publicações e eventos prevendo a estabilização do novo convertido. Visto a grandeza do território nacional não foi possível à Igreja Católica, religião oficial, interferir em seu avanço.

Dreher (2007, p. 56-58), analisando este panorama, afirma que posteriormente esse protestantismo missionário recebeu interferências do cotidiano brasileiro e se tornou diferente daquele que chegou trazido pelas primeiras missões.

Em São Paulo, já havia um centro financeiro e de abastecimento que conectava as fazendas de café, de grande importância na época, instaladas no interior do estado. A grande mobilidade praticada pela procura destas fazendas, a elite do café se transferindo para a capital e mudanças de atividades agrícolas intensificaram o desenvolvimento da capital rápida e desordenadamente.

Nesse contexto urbano, encontramos o registro da chegada dos armênios através do porto de Santos. Na época da Primeira Guerra Mundial, São Paulo contava com aproximadamente vinte famílias armênias sem qualquer estrutura organizacional (KECHICHIAN, 2000, p. 40). Posteriormente esse total irá aumentar com a chegada dos armênios da diáspora.

Parte das famílias armênias está em localidades como Amazonas, Goiás, Mato Grosso, Minas Gerais, Paraná e Rio de Janeiro. Outra parte significativa se estabeleceu em cidades do interior paulista, em Presidente Altino/Osasco, Araçatuba, Bauru, Ferraz de Vasconcelos, São José do Rio Preto e Ribeirão Preto, mas foi na capital paulista que se concentrou o maior número de famílias.

Podemos afirmar que a comunidade armênia no Brasil é eminentemente urbana. As famílias armênias foram recebidas por outras famílias que já residiam aqui, pela Igreja Apostólica que as ajudava bem como por Riskalah Jorge, um benfeitor, dono da Casa da Bóia, uma empresa comercial importante na época.

É interessante notar que existia uma zona de expansão na cidade pela qual sucederam vários grupos étnicos. Esse eixo étnico marca a região dos bairros do Centro, Luz, Bom Retiro e posteriormente Santana. Tais pólos colonizatórios se explicam com a sociologia da Escola de Chicago, que tenta mostrar essa constante comunicação geográfica refletindo na composição urbana das cidades.

Desta forma, os armênios se convergem para o centro na Florêncio de Abreu, para a 25 de Março, Barão de Duprat, Rua Santo André e cercanias, onde encontram sírios, libaneses e judeus, os quais estão muito próximos de sua realidade de origem, contrapondo o novo país e sua língua completamente diferentes.

Os armênios se transformaram em mascates, comerciantes prósperos, vendedores de especialidades gastronômicas, abriram indústrias têxteis, mas foi na linha de calçados que tiveram visibilidade e este é o ramo pelo qual estão associados até hoje.

Essa convergência territorial delimita o território étnico armênio, consagrando o seu maior patrimônio cultural fora de suas terras que são suas igrejas. A Igreja Apostólica Armênia São Jorge, a Igreja Católica Armênia São Gregório Iluminador e a Igreja Evangélica Armênia edificaram suas igrejas muito próximas umas das outras, ocupando o mesmo bairro e, neste mesmo local, o monumento aos Mártires do Genocídio. A Igreja Evangélica Irmãos Armênio está localizada há poucos quilômetros dali no bairro de Santana.

Os templos erguidos dão origem à construção da identidade armênia, baseada na sua história cristã. Poucas são as instituições formais com intenção de promover a integração sócio-cultural do grupo étnico que não estejam próximas a esse eixo das três igrejas.

### **Armenidade evangélica**

A memória e tradição oral hoje são os principais agentes da manifestação da armenidade na comunidade evangélica armênia. Não podemos ignorar o fato de que as comunidades étnicas num meio urbano estão amestiçadas com as formas culturais que se manifestam na sociedade. No caso armênio, é possível verificar o esforço da comunidade evangélica em manter sua identidade simbólica.

O início da igreja evangélica armênia data de 1927, mas quando os primeiros armênios evangélicos chegaram, começaram os cultos de forma improvisada na região central de São Paulo. Ali morava a família do Rev. Peniamim que ajudou na consolidação da igreja evangélica. Pastor generoso, que recebia, dentro da simplicidade dos seus recursos, muitos imigrantes e os ajudava a superar as dificuldades na nova sociedade.

A igreja evangélica na figura de seus pastores oferecia uma local de experiências. Peniamin ensinava o básico para a pessoa se estabelecer, ajudava na procura de moradia, na troca de notícias com os parentes distantes, ensinava o mínimo da língua nova, ajudava na procura de emprego e também em procedimentos de locomoção através de ônibus e trens. Um local onde a prática solidária estava sempre presente.

O ambiente da igreja se completava no domingo, dia de culto, quando o grupo se embalava nas músicas introdutórias e em alguns momentos com o canto do coral. Essa característica perdura até hoje, pois a musicalidade está presente nos cultos atuais e não raras vezes a igreja promove eventos e recitais.

Vários pastores passaram pela igreja evangélica ao longo destes mais de 80 anos. Alguns por mais tempo que outros, mantendo a igreja num espaço da manifestação e manutenção da cultura armênia. Atualmente, esta é comandada pelo Rev. Roy Abrahamian. Hoje a igreja está associada à Igreja Presbiteriana do Brasil, fazendo parte deste segmento.

Observamos que as gerações atuais estão completamente inseridas no contexto da atual sociedade. A igreja proporcionou um ambiente favorável para que as famílias armênias estivessem próximas umas das outras, mas as gerações mais recentes já estão mais distantes deste universo. O contato com universidades e escolas, locais onde os descendentes armênios transitam e atuam fora dos seus ambientes tradicionais, proporciona mudanças de comportamento, como o início dos casamentos mistos, a ruptura das tradições e a busca por novas profissões diferentemente das praticadas por seus pais e avós. As novas gerações estão bem inseridas no contexto da atual sociedade paulista.

A variedade de experiências da diversidade brasileira, os casamentos mistos e a falta de renovação social tendem a interferir nesse processo de manutenção simbólica, mas a igreja ainda é um espaço de conagração e vivências armênias.

Hoje, a reconstrução da etnicidade armênia está voltada pela demanda de reconhecimento público ao genocídio cometido pelos turcos e na possível devolução do Monte Ararat, símbolo nacional armênio, que está anexado ao território turco desde 1920.

## **Conclusão**

A igreja evangélica armênia está inserida na capital paulista e se dedica integralmente a manter e dar continuidade ao contexto étnico do qual o grupo faz parte. Suas raízes histórica, religiosa e doutrinária foram transplantadas de sua comunidade de origem para a igreja no Brasil e, por isso, não se encaixa nas nomenclaturas usualmente utilizadas para definir o protestantismo de imigração.

É uma comunidade diferenciada tentando, em meio há tantas influências, manter os elos culturais que trouxeram de além mar.

A identidade religiosa é o fator agregador da comunidade evangélica e se articula numa rede de relações sociais que mantém defendendo sua identidade étnica até onde for possível.

## Referências

BORGES PEREIRA, João Baptista. Identidade protestante no Brasil: ontem e hoje. In: BIANCO, G.; NICOLINI, M. (orgs). **Religare: Identidade, sociedade e espiritualidade**. São Paulo: All Print, 2005.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. Tradução Klauss Brandini Gerhard. Coleção a era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

DREHER, Martin N.. Protestantismos na América Meridional. In: SIEPIERSKI, Paulo D. e GIL, Benedito M. (orgs). **Religião no Brasil: enfoques, dinâmicas e abordagens**. São Paulo: Paulinas, 2007.

ELIADE, Mircea. **Mito e Realidade**. São Paulo: Editora Perspectiva. 2004.

MENDONÇA, Antonio Gouveia. **O celeste porvir: a inserção do protestantismo no Brasil**. São Paulo: Editora IMS, 1995.

ORMANIAN, Maghakiá. **A igreja dos Armênios: sua história, doutrina, hierarquia, reforma, liturgia, literatura e situação atual**. Tradução Charles Apovian. São Paulo: Edições O.L.M., 2003.

RUFATO, Marcela de Andrade. Sucessão de Imigrantes no Bairro do Bom Retiro (São Paulo). In: LUCENA, Célia Toledo e GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de (orgs). **Discutindo identidades**. São Paulo: FAPESP/ Humanitas, 2006.

SAPSEZIAN, Aharon. **Cristianismo Armênio: a fé viva de uma nação**. São Paulo: Bentivegna Editora, 1997.

SAPSEZIAN, Aharon. **História sucinta e atualizada da Armênia**. São Paulo: Emblema, 2010.

## Teses e dissertações

FREITAS, Sonia Maria de. **Falam os imigrantes... Memória e diversidade cultural em São Paulo**. São Paulo, 2001. Tese de doutorado - FFLCH – USP.

KEROUZIAN, Yessai Ohannes. **Origens do alfabeto Armênio. Uma obra de Mazrob-Mashtoz**. Tese de doutorado. São Paulo, 1970. Departamento de História - FFCL - USP.

KECHICHIAN, Hagop. **Os sobreviventes do genocídio. Imigração e Integração Armênia no Brasil – Um estudo introdutório (das origens a 1950)**. Tese de doutorado. São Paulo, 2000. FFLCH-USP.